Segal, Hanna. Klein. Glascow, Fontana, Collins & Sons. 1979. 189p.

Com seu livro anterior de *Introdução ao trabalho de Melanie Klein* (William Heinemann, 1964), Segal trouxera excelente contribuição para clarificar os conceitos e pontos de vista originais de Melanie Klein.

Volta a fazê-lo neste volume mais recente, utilizando material de um curso dado na Universidade de Londres e focalizando ainda os aspectos da história da vida de M. Klein e de seu desempenho profissional.

Reporta-se à primeira etapa do trabalho de Klein na Hungria, quando teve o primeiro contato direto com a psicanálise, analisada por Ferenczi, depois por Abraham, na Alemanha. Com maior ênfase, detém-se em suas realizações na Inglaterra, de onde se irradiaram suas descobertas: "(. . .) não se poderia falar de uma escola propriamente kleiniana. Haveria de preferência uma escola inglesa de psicanálise divergindo de alguma forma das escolas de Viena e de Berlim e cujos membros estariam mais ou menos de acordo com alguns, ou com todos os achados de Melanie Klein" (p. 77).

A afirmação com que Segal inicia o volume – "Melanie Klein foi uma discípula e uma seguidora de Freud" – é demonstrada em todos os capítulos, na medida em que a autora procura colocar as descobertas de Klein sempre como um desenvolvimento dos achados anteriores de Freud.

Por isso mesmo, não poderia Klein ser caracterizada como um elemento do grupo dos dissidentes de Freud – ao par de Adler, Jung, Stekel e Rank.

Percorreram caminhos diversos: Klein abriu novos horizontes a partir do trabalho direto com crianças, analisando-as quando ainda muito pequenas, ao passo que Freud detectou aspectos e conflitos infantis, através do trabalho com adultos.

Nesse percurso diversificado, Klein obteve uma visão diferente de aspectos básicos dos achados de Freud:

(. . .) "Ela vê o superego como uma estrutura muito mais precoce e, embora não o diga exatamente, parece considerá-lo mais como um antepassado que como um herdeiro do complexo de Édipo, já que as primeiras introjeções do seio bom e do seio mau, que entram na composição do superego, precedem o complexo de Édipo.

Ela também considera o superego mais influenciado pelos próprios impulsos instintivos da criança que pelos pais verdadeiros." (p. 59).

Tais divergências deram origem aos debates expostos por Segal em seu capítulo 8 – The "controversial discussions".

Iniciados com os ataques de Glover – anteriormente um dos maiores entusiastas do trabalho de Klein – os conflitos se agravaram com a chegada a Londres da família Freud, tornando-se Anna Freud e Melanie Klein as figuras centrais da controvérsia e esta "o foco da vida científica da Sociedade" (Britânica de Psicanálise) (p. 91).

A II Guerra Mundial veio interromper os debates, devido ao afastamento de muitos de seus participantes, inclusive o de Mrs. Klein, que permaneceu algum tempo na Escócia. Lá teve oportunidade de atender Richard, cujo tratamento é minuciosamente descrito em seu livro póstumo *Narrativa de uma análise infantil.*

Com o prosseguimento posterior dos debates, as tensões atingiram ou refletiram conflitos familiares, já que Melita Schmidberg, psicanalista, filha de Melanie Klein e, não por acaso, analisanda de Glover, colocou-se entre os opositores de sua mãe.

Nas discussões – assinala Segal – ambos os grupos buscavam fundamentos para sua argumentação nos trabalhos de Freud: o de Anna Freud, nos mais antigos, e o de Klein nos mais recentes.

Ernest Jones, biógrafo de Freud e então presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise, fez uma previsão:

"Não tenho dúvida de que a divisão da Sociedade (Britânica) irá futuramente reproduzir-se em todas as outras sociedades de psicanálise" (p. 92).

Segal assinala os prováveis motivos desses conflitos: "As controvérsias nas sociedades de psicanálise são muitas vezes amargas e violentas. Isso pode ser devido à alta carga emocional da temática e também a sentimentos contratransferenciais não resolvidos pelos analistas em relação a seus didatas" (p. 111).

Seguindo-se à Introdução, o primeiro capítulo do livro resume a biografia de Melanie Klein, suas origens familiares, seus irmãos, filhos, casamento e divórcio, suas ambições e seu percurso pela Europa.

Para encerrar o volume, Segal resume as realizações profissionais de Klein e focaliza sua personalidade ímpar: "Como a maior parte das pessoas muito criativas, ela é vista sob múltiplas facetas (. . .)". "Tem sido descrita por alguns como afetuosa, tolerante e de boa índole; por outros, como intolerante, agressiva e exigente (. . .)".

Em seguida, Segal tenta explicar essa divergência de opiniões:

"O intenso envolvimento de Melanie Klein com seu trabalho explica muito do seu caráter. Embora fosse tolerante e pudesse aceitar com a mente aberta a crítica de amigos e de ex-alunos, aos quais consultava freqüentemente, isso só ocorria enquanto eram aceitas as bases fundamentais de seu trabalho. Quando o sentia atacado, poderia ser muito violenta ao defendê-lo. E, se não pudesse encontrar apoio suficiente nos que considerava amigos, podia tornar-se muito amarga, às vezes de maneira injusta" (p. 170-1).

Segal conseguiu, sem dúvida, integrar os aspectos biográficos e a produção científica de Melanie Klein em seu contexto e em sua época.

ELISA DIAS VELLOSO